

# De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos textos de seus cronistas

*From Outskirts to the suburbs: the social geography  
of Rio de Janeiro from the texts of their chroniclers*

**Leonardo Soares dos Santos\***

---

## Resumo

Neste texto observo como a alteração sobre a leitura que se tinha sobre os antigos *arrabaldes* (que passa a ser visto como *subúrbio*) está intimamente relacionada a um processo de ocupação dessa região por grupos sociais que tradicionalmente habitavam as áreas menos valorizadas do perímetro urbano de ocupação mais antiga. Fenômeno este que, de alguma maneira, era captado pelos literatos que utilizavam o Rio como cenário de suas histórias.

---

## Palavras-chave

Rio de Janeiro. Subúrbios. Literatura.

---

## Abstract

In this paper, we look at how the change about reading that had been on the old Outskirts (which is seen as a suburb) is closely related to a process of occupation of the region by social groups who traditionally inhabited the less valued areas of the city limits of occupation older. A phenomenon that somehow was picked up by writers who used the river as a backdrop to their stories.

---

## Keywords

Rio de Janeiro. Suburb. Literature.

*– Os cocheiros podem fumar em serviço?  
Perguntou a pessoa ao conductor.  
Fe-lo em voz baixa, tranqüila, como quem  
quer saber, só por saber. O conductor, não*

---

\* Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense, onde realizou também seu mestrado e doutorado em História Social. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional/UFF. Coordenador do NEPETS/UFF e membro do Instituto Histórico de Jacarepaguá (IHJa).

*menos serenamente, respondeu-lhe que não  
era permitido fumar.*

*- Então... ?*

*- Mas elle fuma só aqui, no arrabalde;  
lá para o centro da cidade não fuma não  
senhor.*

*Grande foi o espanto da pessoa, ouvindo  
essa tradução de Pascal, tão ajustada ao  
cigarro e ao bond. Verité en deçà, erreur  
au delà.*

*Machado de Assis. A Semana.*

*Uma senhora dizia à outra, no trem:*

*- Jacarepaguá é muito bom. Gosto muito.*

*- Mas tem um defeito.*

*- Qual é?*

*- Não tem iluminação à noite.*

*- Você diz bem que é só à noite, pois de  
dia tem o sol.*

*As duas riram-se e, como nenhuma delas  
tivesse pretensões intelectuais, não houve  
zanga entre elas.*

*Lima Barreto, "Os outros". Careta, 11  
dez. 1915.*

*[...] Podia ser contra a pureza da Clotilde.*

*Graças aos deuses, porém, é contra ti. Eu  
mesmo concordaria com o Prates que te  
chama velhaco, se não viesse encontrar o  
nosso Rodolfo, agora, onze da noite, por  
tamanha intempérie metido num trem de  
subúrbio, com o ar desvairado...*

*— Eu tenho o ar desvairado?*

*— Absolutamente desvairado.*

*— Vê-se?*

*— É claro. Pobre amigo! Então, sofreste  
muito? Conta lá. Estás pálido, suando  
apesar da temperatura fria, e com um  
olhar tão estranho, tão esquisito. Parece  
que bebeste e que choraste. Conta lá.*

*Nunca pensei encontrar o Rodolfo  
Queiroz, o mais elegante artista desta  
terra, num trem de subúrbio, às onze  
de uma noite de temporal. É curioso.*

*Ocultas os pesares nas matas suburbanas?  
Estás a fazer passeios de vício perigosos?*

*João do Rio. Dentro da Noite.*

## *Introdução*

Lendo alguns registros de época não deixa de ser interessante observar que, em boa parte do século XIX, o termo utilizado para designar as áreas mais afastadas da área urbana não era “subúrbio” e sim

“arrabalde”. E quase todos se referem a um “arrabalde” bem circunscrito: ele abrangia as freguesias da Glória, Catete, Tijuca e Botafogo. O testemunho de Schlichthorst, militar alemão contratado para a guarda de Pedro I, que viveu na cidade em meados da década de 1820 é assaz ilustrativo da maneira com que essa região era descrita: havia uma acentuada tendência em se enfatizar o perfil aristocrático e bucólico do lugar, chamando atenção também para o seu caráter quase rural.

A cidade termina na ponte do Catete. Ao longo de sebes e belas casas de campo, o caminho acompanha o mar até onde começa Botafogo, renque de belas residências campestres formando suave curva ao longo da praia. Nos jardins, predomina um gosto que chamam francês e que preferiria fosse mourisco por se adaptar melhor à paisagem. A natureza oferece parques à inglesa que tornam qualquer imitação pueril. [...] As mais belas moradias são construídas um pouco distante da rua, no fundo dos jardins, ao pé dos morros e um tanto acima do nível da praia. A maioria, ao gosto mourisco, com cúpulas, arcos de forma estranha e uma escadaria ligeiramente inclinada à frente<sup>1</sup>.

Vejamos o que nos diz Machado de Assis sobre Botafogo por meio de seu *Quincas Borba*. Neste trecho, que compõe o primeiro parágrafo da obra, a narrativa se situa em meados da década de 1860. A descrição da residência do “capitalista” Rubião, protagonista deste romance, deixa entrever o perfil social deste antigo “arrabalde” da cidade:

Rubião fitava a enseada. Eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Tunis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade<sup>2</sup>.

Em *Lucíola*, obra publicada em 1892, mas escrita por José de Alencar na década de 1860, o personagem Sá irá escolher exatamente os “arrabaldes da côrte”, para instalar uma chácara onde dava “féria às ocupações graves, convidava alguns amigos, e oferecia à imaginação um pasto régio”. As marcas aristocráticas dessa residência são nítidas:

A sua casa de moço solteiro estava para isso admiravelmente situada entre jardins, no centro de uma chácara ensombrada por casuarinas e laranjeiras. Se algum eco indiscreto dos estouros báquicos ou das canções eróticas escapava

<sup>1</sup> SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*: Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2000. p. 195-96.

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: O Globo: Click editora, 1997. p. 17.

pelas frestas das persianas verdes, confundia-se com o farfalhar do vento na espessa folhagem; e não ia perturbar, nem o plácido sono dos vizinhos, nem os castos pensamentos de alguma virgem que por ali velasse a horas mortas<sup>3</sup>.

Outro bom exemplo colhido da literatura é um trecho do romance de Adolpho Caminha, *Tentação*. Nele, um dos personagens, Luis Furtado emite um comentário bastante revelador das diferenças de *status*, já na década de 1880, entre áreas como Botafogo e Cidade Nova:

D. Branca estava aflita por chegar aos fundos; queria surpreender o marido de Adelaide com o irrigador de Ermarck.

– Que achas? – perguntou Furtado ao amigo, relanceando os olhos no aposento.

– Bom... bom – murmurou o bacharel. – Vamos cá!

E dirigiu-se aos fundos da casa, inspecionando o teto e o papel do forro.

– Vocês aqui estão muito bem – tornou o secretário.

– *Muito melhor que na Cidade Nova* – acrescentou D. Branca.

– *Ao menos estão em Botafogo*<sup>4</sup>.

Em *Casa de Pensão*, escrita por Aluísio de Azevedo em 1884, é-nos oferecida a descrição de uma chácara localizada na Tijuca, onde Lúcia e Amâncio protagonizam os momentos mais felizes de seu romance. Aqui os traços rurais dos “arrabaldes” aparecem com maior nitidez:

Lúcia, muito disfarçada, ia-lhe apontando os cômodos e as benfeitorias da casa, com tanto empenho e gosto como se fora mesma proprietária; mostrou-lhe o banheiro, os tanques para a lavagem de roupas, o coradouro, o cercado das galinhas e por último o jardim.

Colheu logo uma rosa e, por suas próprias mãos, enfiou-a na gola do fraque de Amâncio. Em seguida atravessaram a horta. Canteiros grandes cobertos de verdura, saturavam o ar de um cheiro fresco de hortaliças. As alfices brilhavam ao sol dourado de julho. Mais adiante havia um sombrejar melancólico e delicioso de árvores grandes; era a chácara; viam-se no ar as folhas largas e recortadas da fruta-pão faiscarem, como lâminas de metal brunido; ao passo que as bojudas mangueiras se debruçavam sobre a terra numa concentração pesada de sono.

Os dois prosseguiram de braço dado por entre o murmurar tristonho daquelas sombras. E lentamente, e sem trocarem uma palavra, se deixaram ir até a espalda de um muro que servia de limite à chácara. Havia um grosseiro banco de pau meio escondido entre bambus e trepadeiras. Assentaram-se. Um fio d'água corria da montanha e os passarinhos remigiavam trilhando na mole embalsamada das estevas<sup>5</sup>.

No mesmo *Quincas Borba*, Machado de Assis nos fornece um outro relato sobre os arrabaldes, só que duma parte da cidade mais ao norte, no

<sup>3</sup> ALENCAR, José de. *Luciola*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951. p. 52.

<sup>4</sup> CAMINHA, Adolpho. *Tentação*. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acesso em: 22 jan. 2011. p. 35. Grifo meu.

<sup>5</sup> AZEVEDO, Aluísio de. *Casa de Pensão*. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acesso em: 22 jan. 2011. p. 86-87.

que é hoje a região portuária do Rio, na altura da Gamboa, num ponto conhecido como Praia Formosa. Lugar este que na época já era tido e havido como uma localidade pouco aprazível, perfil bem distinto da área intensamente explorada pelos literatos da segunda metade do XIX, a área que ia da Glória até Botafogo. Também há aqui uma leve alteração no tom da descrição, se compararmos com a descrição feita de Botafogo, mas persiste ainda o tom bucólico. Atentemos para o fato de que Rubião – que estava passando de tílburí pela praia – era de Minas, saudosos das coisas da “roça” e se vê encantado pela paisagem daquele “arrabalde”

– V.S.<sup>a</sup> está gostando, disse-lhe o cocheiro contente com o bom freguês que tinha.

– Acho bonito.

– Nunca veio aqui?

– Creio que vim, há muitos anos, quando estive no Rio de Janeiro pela primeira vez. Que eu sou de Minas... Pare moço.

O cocheiro fez parar o cavalo: Rubião desceu, e disse-lhe que fosse andando devagar. Em verdade, era curioso. Aquelas grandes braçadas de mato, brotando do lodo, e postas ali ao pé da cara do Rubião, davam-lhe vontade de ir ter com elas. Tão perto da rua! Rubião nem sentia o sol. [...] Assim, sim, - dizia ele consigo, - fosse o mar todo uma coisa daquele feito, alastrado de terras e verduras, e valia a pena navegar. Para lá daquilo ficava a Praia dos Lázaros e a de São Cristóvão. Uma pernada apenas<sup>6</sup>.

Nota-se que o aspecto aristocrático desaparece. Trata-se de uma mera coincidência, ou a mudança de ênfase na descrição que Machado faz daquele “arrabalde” menos “nobre” de Gamboa é proposital? Ora, tratava-se de uma área próxima ao cais do porto da cidade, que via ano a ano crescer a população de trabalhadores ligados ao comércio e às próprias atividades portuárias. Ou seja, tal descrição seria uma decorrência quase lógica do esforço do autor em se debruçar sobre uma realidade objetiva, que de tão cristalina não poderia escapar aos olhos de ninguém. Mas creio que além disso a chave de leitura aberta por Machado nos permite pensar até que ponto há um nexos bem mais complexo na relação entre apropriação ou ocupação de um território por determinado grupo social e a percepção que se constrói sobre esse mesmo território. Este nexos vai muito além da lógica e de qualquer aspecto mecânico que possa haver na relação entre uma determinada realidade e a percepção que se tem dela.

Tal reflexão pode ser estendida para compreender a mudança que se opera na última década do século XIX no que se refere às categorias utilizadas para denominar as zonas da cidade. O termo “arrabalde” cede lugar ao termo “subúrbio” ou “suburbano”. Trata-se da divisão do município entre área urbana e suburbana – não há ainda a delimitação

<sup>6</sup> ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: O Globo: Click editora, 1997. p. 85. O romance foi originalmente publicado em 1891, mas boa parte parece ser ambientada em meados da década de 1860.

de uma zona rural, divisão que é formalizada em 1 de setembro de 1892, por meio do decreto nº 1034a, que regulamentava o serviço policial no Distrito Federal.

A bem da verdade essa é uma das questões de fundo deste texto, qual seja, entender o sentido dessa nova divisão estabelecida pelo poder público. O que muda efetivamente com essa divisão? Vamos observar a seguir como essa alteração sobre a leitura da região dos antigos *arrabaldes* (que passa a ser visto como *subúrbio*) está intimamente relacionado a um processo de ocupação dessa região por grupos sociais que tradicionalmente habitavam as áreas menos valorizadas do perímetro urbano, fenômeno este que, de alguma maneira, era captado pelos literatos que utilizavam o Rio como cenário de suas histórias<sup>7</sup>.

Melhor do que subúrbio seria dizermos subúrbios. Lembremos que o termo *arrabaldes* (ao invés de *arrabalde*) não é um mero detalhe estilístico. O próprio Machado sugere que, em que pese o reconhecido perfil aristocrático, os *arrabaldes* estavam longe de se constituir num território homogêneo. As sumárias descrições da Saúde e Gamboa comprovam que poderiam coexistir cenários diversos numa mesma região. Isso se deve muito ao fato de que tais cenários são territórios apropriados, usufruídos e configurados por grupos sociais heterogêneos, de formas e maneiras diversas.

É com essa mesma perspectiva que buscamos compreender o processo de diferenciação do território suburbano frente à zona rural, algo que começa a se tornar mais nítido a partir da década de 1910, atentando, logicamente, para o modo como ele é percebido nos textos de alguns literatos.

### *A presença dos usos rurais nos subúrbios*

Se tomarmos a evolução da noção de subúrbio em diferentes momentos históricos e contextos geográficos, iremos perceber também

<sup>7</sup> Por mais que os textos literários em tela, constituídos sem exceção por narrativas construídas e elaboradas com base na subjetividade de seus autores, possam ser tomados como representações, formas de ver o mundo, gestos de leitura, interpretação e escritura, que tenham como fim precípua contar um fato ou fatos que nunca tenham “realmente” acontecido, não há como desprezarmos o fato de que eles se apoiam e se alimentam de elementos do real, a começar da própria linguagem, constructo simbólico socialmente produzido. É também pelo simples fato que em alguma medida tais textos buscam estabelecer algum tipo de diálogo com esse real. O que falar então de escritores imersos no contexto intelectual dominado pelo Realismo, cujos autores explicitamente afirmavam seu compromisso com o princípio da verossimilhança?

Diante do exposto, as crônicas são lidas aqui como testemunhas da geografia das fronteiras e limites das várias regiões da cidade, e dos próprios usos e costumes da sua população. Sobre a relação entre literatura e história ler RAMOS, Fábio Pestana. História e Literatura: ficção e veracidade. *Domínios da linguagem*. Uberlândia, n. 2, p. 1-12, 2003.

aspectos de notável perenidade. Um primeiro ponto a se destacar é que, fosse um espaço aristocrático ou popular, o subúrbio possuía uma origem rural. Ele, em algum momento da história, teria sido o campo que circundava a *urbes*<sup>8</sup>. De igual forma, as imagens e noções que se referem ao subúrbio como um espaço de transição e indefinição de fronteiras entre os usos rurais e urbanos são verdadeiramente persistentes. Os exemplos abundam em trabalhos acadêmicos que têm como objeto a temática urbana<sup>9</sup>. Podemos surpreendê-las tanto no excelente ensaio sobre a história de São Caetano, cidade pertencente à região metropolitana da Grande São Paulo, escrito por José de Souza Martins<sup>10</sup>; ou em projetos de zoneamento do início do século XX, como o da cidade de Camberra, capital da Austrália; ou ainda em textos literários, como a crônica “Os enterros de Inhaúma”, do escritor Lima Barreto: “Tinha morrido o

<sup>8</sup> Temos o exemplo do dicionário da língua espanhola de início do século XVIII. Suburbano denotava, por exemplo, o “que se aplica al terreno, ó campo, que está cerca de la Ciudad. Usase algunas veces como substantivo” ou “el Arrabal, ó Aldea cerca de la Ciudad, ó de su jurisdiccion”. In: *Diccionario de la Lengua Castellana, em que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, com lás phrases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua*. Madrid: Real Academia Española, 1737. p. 172, tomo IV. No caso francês, *Banlieu* significa um “territoire dans le voisinage et sous la dépendance d’une ville”. Ou seja, nos significados atribuídos à palavra que equivale ao subúrbio, o que se procura precisar, tanto num quanto noutro registro, é o caráter dependente desse território em relação à cidade, em termos administrativos e políticos e não tanto o seu perfil social e econômico. Para um estudo mais abrangente dos subúrbios na França, ler: FOURCAUT, Annie (Dir.). *Un siècle de banlieue parisienne (1859-1964)*: Guide de recherche. Paris: l’Harmattan, 1992.

<sup>9</sup> São numerosos os exemplos de trabalhos sobre os subúrbios cariocas nos quais aflora este tipo de concepção. Ver ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1988; MIRANDA, Mariana Helena Souza Palhares. *Crescimento periférico da cidade do Rio de Janeiro: padrões espaciais de ocupação residencial*. 320 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976. p. 24. A esse respeito ler também o trabalho já citado de Edson Penha de Jesus sobre o bairro paulistano da Penha. Sobre Juiz de Fora (MG): CALVANO, Flávia. *Entre o urbano e o rural: limites e fronteiras em transição no município de Juiz de Fora*. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

<sup>10</sup> MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Caetano: do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec: Unesp, 2002. Esse perfil específico do subúrbio, que na verdade parece se tratar de uma transição, produtora de uma indefinição entre o rural e o urbano, já foi objeto de importantes reflexões no âmbito do pensamento sociológico. Com base num estudo sobre as cidades que compõem a região de Yucatán, no México, Robert Redfield formulou a clássica hipótese da existência de um *gradient* entre o centro metropolitano (mais “urbano”, “branco e civilizado”) e as aldeias e povoações (quase puramente “indígenas”, “pouco civilizadas”, na ótica do autor), havendo entre esses dois polos os subúrbios, ou como o autor prefere designar, as “áreas periféricas”. Região essa que representa tanto num plano simbólico quanto no da prática uma síntese entre eles – *Civilização e cultura de Folk*: estudo de variações culturais em Yucatán. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1949. p. 28-29.

Felisberto Catarino, operário, lustrador e empalhador numa oficina de móveis de Cascadura. Ele morava no Engenho de Dentro, em casa própria, com um razoável quintal, onde havia, além de alguns pés de laranjas, uma umbrosa mangueira, debaixo da qual, aos domingos, reunia colegas e amigos para bebericar e jogar a bisca<sup>11</sup>. Lendo o amplo e detalhado perfil dos subúrbios feito por Lima Barreto em *Clara dos Anjos*, não é difícil perceber que o autor se pauta numa noção centrada no tradicional contraste entre o novo e o velho, o urbano e o protourbano. Reparem que esse subúrbio por ele descrito não conserva mais nenhum “vestígio aristocrático” – algo já há muito observado por Machado de Assis, e que determinados usos, outrora apreciados, passam a ser associados a certos segmentos sociais.

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, se torna preciso descer uma ladeira quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso. Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, “correrres” de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos “avenida”. As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães, que, com todos aqueles, fraternizam. Quando chega a tardinha, de cada portão se ouve o “toque de reunir”: “Mimoso”! É um bode que a dona chama. “Sereia”! É uma leitoa que uma criança faz entrar em casa; e assim por diante. Carneiros, cabritos, marrecos, galinhas, perus – tudo entra pela porta principal, atravessa a casa toda e vai se recolher ao quintalejo aos fundos. Se acontece faltar um dos seus “bichos”, a dona da

<sup>11</sup> BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 555.



casa faz um barulho de todos os diabos, descompõe os filhos e filhas, atribui o furto à vizinha tal. Esta vem a saber, e eis um bate-boca formado, que às vezes desanda em pugilato entre os maridos<sup>12</sup>.

Poucos anos depois, em julho de 1922, em crônica intitulada “De Cascadura a Garnier”, Lima procura descrever a sua viagem de bonde, percorrendo a estrada Real de Santa Cruz, viagem esta que liga um lugar (Cascadura), onde o passado ainda é muito presente, onde ainda se respira “muito do seu primitivo ar rural de antaño”, a outro – o centro da cidade, onde todos esses elementos foram soterrados pela “vida urbana”:

Estamos no Largo de São Francisco. Desço. Penetro pela Rua do Ouvidor. Onde ficou a Estrada de Real, com os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seus capinzais? Não sei ou esqueci-me. Entro no Garnier e logo topo um poeta, que me recita:  
“Minh'alma é triste como a rola afita”, etc.  
Então de novo me lembro da Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos capinzais...

Embora quase consensual, tal imagem sobre o subúrbio não nos exime de considerar que o que se apresenta como subúrbio na época não é nada mais do que a positivação de um determinado estágio do desenvolvimento territorial da cidade, repercutindo, assim, na imagem sobre os grupos sociais que o ocupam. E as descrições dos literatos captam com perfeição essas transformações. Nesse sentido, o subúrbio é, portanto, um constructo histórico cujo sentido está relacionado a uma dinâmica social vigente num determinado território<sup>13</sup>. Mas se este tipo de coexistência acabou se mostrando persistente na definição do conceito de subúrbio, ou dizendo de outro modo, no ato de classificação de um lugar como sendo um subúrbio, é preciso que se observe também que a maneira como tal coexistência era lida e qualificada não foi a mesma ao longo do tempo. A seguir, teremos a oportunidade de ver que, para muitos atores históricos da cidade do início do século, havia boas razões para que a mistura de usos – tão generosamente apreciada décadas atrás pelo General Schlichthorst (referindo-se aos antigos arrabaldes da cidade) – deixasse de ser vista como um motivo de encantamento para se transformar em fonte de lamentações e denúncias indignadas. E isso se torna visível a partir não só da imprensa como também da própria literatura.

<sup>12</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 38.

<sup>13</sup> O conceito de território que tenho em vista aqui é desenvolvido em LEFEBVRE, Henri. *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard, 1970; HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. Niterói: EdUFF, 2002; e SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade (Ensaios)*. Petrópolis: Vozes, 1979.

Em seu clássico *A Vida Literária no Brasil*, o famoso crítico literário Brito Broca comenta uma importante influência das reformas urbanas do início do século no Rio nas obras de alguns de seus principais literatos:

Os escritores superestimavam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam. E os requintes de civilização, prevalecendo na parte urbana da metrópole, iam fazendo naturalmente com que os velhos costumes, recuassem para a zona suburbana. Começaria a acentuar-se, um certo antagonismo entre a “cidade”, os bairros aristocráticos, de gente fina, dos supercivilizados, e o subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples<sup>14</sup>.

Vários trabalhos da historiografia sobre a cidade do Rio de Janeiro apontam para as reformas do governo Pereira Passos como um marco da produção de uma configuração socioespacial altamente hierarquizada e excludente.<sup>15</sup> A partir de então a divisão da cidade entre zonas urbana, suburbana e rural ganha contornos mais nítidos. Mas tal processo é tão simples assim? Parece inegável até hoje que as reformas urbanas operadas no início do século XX tenham mesmo atuado no sentido de conformar divisões geográficas de grandes implicações sociais e étnicas.<sup>16</sup> Elas parecem também estar diretamente ligadas a uma nova percepção que se vai construindo sobre o papel das cidades, o que se deve, sobretudo, às transformações por que passa o sistema capitalista em escala mundial. Na visão de Maria Chiavari, a internacionalização da economia tal como se delinea nas últimas décadas do XIX procura fazer da cidade um “produto”:

<sup>14</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975. p. 4-5.

<sup>15</sup> ABREU, op. cit.; PEREIRA, Sônia Gomes. *A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, EBA, 1998; BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1988; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>16</sup> Processo este que se manterá vigoroso mesmo após a administração de Pereira Passos. Sobre como essa questão se manifesta nas décadas de 1920 e 1930, temos os excelentes estudos de FISCHER, Brodwyn. Partindo a cidade maravilhosa. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007. STUCKENBRUCK, Denise Cabral. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o ideário reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: FASE-IPPUR/UFRJ, 1996. De leitura indispensável são os artigos de PECHMAN, Robert Moses – “O urbano fora do lugar? Transferências e traduções das idéias urbanísticas nos anos 20”; PEREIRA, Margareth da Silva. “Pensando a metrópole moderna: os planos de Agache e Le Corbusier para o Rio de Janeiro”; e SILVA, Lúcia. “A trajetória de Alfred Donat Agache no Brasil” – presentes em RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Cidade, povo e nação*. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

[...] promovendo a valorização real e potencial deste ‘produto’ e ao mesmo tempo ‘objeto de consumo’, para ser repartido segundo as reais possibilidades de renda de seus habitantes. Por conseguinte, aqueles que não possuem uma renda própria, ou que a possuem baixa, são excluídos da participação deste produto. Assim os rejeitados das áreas valiosas e os retirantes expulsos dos campos encontram-se numa espécie de fronteira: a periferia que vai-se caracterizando, nesta época, por uma população desenraizada e ao mesmo tempo segregada<sup>17</sup>.

Tal fenômeno tem importantes desdobramentos, portanto, sobre o território da cidade de maneira geral, incluindo os subúrbios. Até o século XIX eles não tinham a conotação negativa que passarão a ter em boa parte do século XX. Até porque, como vimos anteriormente, os subúrbios e arrabaldes eram a área de moradia de membros das classes ricas e médias da cidade, ali estabelecidos em suas chácaras, *chalets* e casarões em Botafogo, Laranjeiras, Catete, Glória e Tijuca<sup>18</sup>.

Esse aspecto é rapidamente retratado por Lima Barreto em “Recordações do escrívão Isaías Caminha”, quando descreve a residência do personagem que dá nome à obra, localizada em Rio Comprido: “O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelados, servia de curadouro. Da chácara toda, só ficavam as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes faziam aos ricos que ali tinham habitado”<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> CHIAVARI, Maria Pace. As transformações urbanas do século XIX. In: DEL BRENNA, Giovanna Rosso (Org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão* II. Rio de Janeiro: Index, 1985. p. 571. Verena Andreatta acrescenta que “é preciso lembrar que a história da cidade moderna é também a história da formação da mais-valia no seu entorno. As cidades do século XIX se inventaram a si mesmas, aproveitam a acumulação de fatores produtivos nelas existentes para constituir-se em negócio, para tornar-se, pela primeira vez na História, objeto de transação comercial.” – *Cidades quadradas...*, p. 21.

<sup>18</sup> QUEIROZ, Eneida Quadros. *Justiça Sanitária: Cidadãos e Judiciário nas reformas urbana e sanitária – Rio de Janeiro (1904 - 1914)*. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) – Niterói, 2008. p. 22.

Algo desse “arrabalde” enquanto moradia das “classes-médias” pode ser visto, mais uma vez, no romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis, especialmente nos capítulos iniciais, nos quais Bentinho relata momentos de sua infância, passados em meados do século XIX, na chácara de Matacavalos (próximo à Tijuca). Outras descrições a respeito podem ser encontradas no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, sobretudo no 1º capítulo. Temos também o exemplo do que talvez tenham sido os primeiros subúrbios planejados do mundo, os das cercanias de Amsterdam, durante o “Século de Ouro” holandês, conforme nos detalha Paul Zunthor. Eram eles voltados para a moradia das classes mais abastadas da cidade. Ler do autor – *A Holanda no tempo de Rembrandt*. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989. Em Viena de fin de siècle (XIX), boa parte dos seus subúrbios se transformam em área residencial da aristocracia, acabando por rivalizar com a própria Ringstrasse. In: SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo, 1990. p. 71.

<sup>19</sup> BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 175.

Em crônica do início de 1920, o tema do passado aristocrático dos subúrbios cariocas voltava a figurar nos escritos de Lima Barreto. Não à toa o autor acaba ressuscitando o termo “arrabaldes”, demonstrando o quanto tal termo estava intimamente relacionado ao perfil que a região tinha quando era ocupada preponderantemente pela “gente importante de antanho”:

Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardinzito liliputiano de polegada e meia; e as de gente pobre não têm coisa alguma.

Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim. Os ricos gostavam de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo e não sei há quantos anos não a como assada e untada de manteiga.

Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aqueles extensos tapumes de maricas que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?

Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas coisas roceiras, destroços como recordações.

[...]

Não se diga que tudo isso desapareceu para dar lugar a habitações; não, não é verdade. Há trechos e trechos grandes de terras abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestígios das velhas chácaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela ‘casa’ e que deve ser amor e religião para todos<sup>20</sup>.

E nessa época – é forçoso reiterar – a presença de aspectos rurais era tida como fundamental na elaboração de uma leitura positiva, quase idílica, da região. A existência de várias árvores frutíferas, animais de pequeno porte, imensas áreas verdes ao redor dos sítios, os descampados que davam a impressão de um certo isolamento da área urbana, tudo isso compunha um quadro de equilíbrio e leveza a um espaço eminentemente ocupado pelas classes mais ricas da cidade. Mas isso mudaria com o passar do tempo.

Só com o parcelamento das terras para a construção de lotes residenciais é que a área passaria a ser ocupada por segmentos tidos como “populares”. Esse foi um processo que variou muito ao longo do tempo e seu ritmo não foi o mesmo para todo o entorno da cidade. Ele começou a atingir, desde o último quartel do Oitocentos, intensamente o que hoje são os bairros de São Cristóvão, Tijuca, Vila Isabel e Piedade. A partir de 1890 ele passaria a incidir sobre Méier, Madureira, Engenho Novo e

<sup>20</sup> BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 129. Em 1922, vemos Lima Barreto novamente tematizar o passado rural dos subúrbios na crônica “De Cascadura a Garnier”: “Mas... o bonde de Cascadura corre; ‘tio Arrelia’, manejando o controle, vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda [...] e vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado. No passado! Mas... o passado é um veneno.” (p. 540).

Inhaúma. O historiador José de Oliveira Reis comenta que “começou então um surto descontrolado de abertura de ruas e consequentes loteamentos, de maneira irregular e tumultuada. Ruas mal traçadas, abertas em terrenos acidentados, em terra, sem meios-fios, iam surgindo por todos os lados. Construções novas eram feitas nos lotes inadequados e desprovidos de alinhamentos”<sup>21</sup>.

E assim a região ia perdendo ano após ano aquele perfil preponderantemente aristocrático. Um novo processo de ocupação desses subúrbios se delineava, com um perfil social nitidamente distinto.

Na última década do século XIX, a cidade vai conhecer um grande *boom* demográfico, fruto em grande medida do afluxo de imigrantes portugueses e de migrantes (ex-escravos principalmente) do interior da antiga província do Rio de Janeiro e de estados como Minas Gerais e Bahia. Tal pressão demográfica, aliada à expansão dos meios de transporte, levou o mercado imobiliário a estender seus braços para o subúrbio. Este passava a ser mais visado, a ser visto como uma opção de moradia possível para vários grupos sociais nas primeiras décadas do século XX<sup>22</sup>. Mas é com as reformas urbanas da administração Pereira Passos que a discussão sobre os subúrbios como opção de moradias das “classes pobres” ganha força tanto na imprensa quanto no legislativo da cidade. Uma grave crise habitacional envolvendo as classes populares se anuncia com a onda de demolições e interdições de cortiços e estalagens. Para agravar a situação havia ainda o grande número de epidemias que tornavam problemática a vida no centro da cidade. E dado o alto custo dos terrenos dos arrabaldes mais próximos como Glória, Catete e Tijuca e mesmo São Cristóvão, bairros como Gamboa e Saúde surgiam como a opção de moradia mais viável. Porém, como o tempo mostrou, eram insuficientes para prover tamanha demanda. Surgia então a opção dos morros localizados no centro mesmo da cidade como Providência, Santo Antônio, São Bento, Conceição e Castelo. Mas a opção que prevalece é aquela que toma o rumo dos subúrbios cariocas, especialmente aqueles cujos terrenos fossem cortados pelas linhas de trem da Central do Brasil, visto que as condições de transporte e o preço do terreno eram elementos que pesavam em muito na decisão do trabalhador pelo lugar onde deveria

<sup>21</sup> REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1977. p. 53.

<sup>22</sup> PECHMAN, Robert Moses Pechman demonstra que são exatamente as freguesias suburbanas, como Engenho Velho (147%), São Cristóvão (103%) e Engenho Novo (126%) e mesmo rurais como Irajá (109%) e Inhaúma (o maior de toda a cidade com 293%) as que registram maior crescimento demográfico no período. *Gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. 280 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

residir. A partir de então vemos se consolidar um processo que confere à palavra subúrbio “um certo sentido depreciativo, que inclui não só uma idéia de recursos financeiros mais limitados, mas também um certo gênero de vida particular”<sup>23</sup>. Mas a mudança de percepção sobre o espaço do subúrbio não se resume apenas à expansão demográfica da região. Ela também está ligada à questão de quais grupos passam a ocupá-la. Mas a transformação do subúrbio em lugar “proletário” não se dá de maneira linear. Annelise Fernandez lembra que ainda na década de 1890 o subúrbio era habitado predominantemente por uma pequena classe média composta em sua maioria por funcionários civis e militares de baixo escalão, comerciantes e alguns operários<sup>24</sup>. Na verdade, eram eles que tinham condições de arcar com os elevados custos de mobilidade entre o centro da cidade e as regiões mais afastadas dos subúrbios. Daí que a região possuísse uma composição bem heterogênea até as primeiras décadas do século XX. E quando o mercado imobiliário começa a aflorar com mais intensidade nos subúrbios, é pouco provável que ele tivesse em vista atender uma “clientela” de proletários. Este subúrbio do qual estamos falando já não era aristocrático tal como o “subúrbio” de *A Luneta Mágica*, *Lucíola* ou *Dom Casmurro*, isto é, de meados do século XIX, mas ainda atraía boa parcela dos membros “melhor aquinhoados” da sociedade carioca – como comumente se referia aos setores mais ricos a imprensa popular da época. Lima Barreto na crônica “Esta minha letra” chega a mencionar, com a sua incansável ironia, a existência de uma “aristocracia suburbana”:

<sup>23</sup> Estas são palavras das geógrafas Lysia Bernardes e Maria Therezinha de Segadas Soares presentes na obra clássica *Rio de Janeiro: Cidade e Região* e citadas por MATTOSO, Rafael. *A estética do Subúrbio*. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 31. O *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* destaca essa particularidade do caso brasileiro quando afirma que a palavra *suburbano* possui entre suas acepções uma de fundo claramente depreciativo: “Suburbano - Que tem ou revela mau gosto” (p. 1888).

Nos Estados Unidos a configuração urbano-suburbana assume caráter nitidamente distinto do que acontece na América Latina e boa parte da Europa. Lá os subúrbios foram ocupados historicamente em sua maior parte por grupos de classe média. Um bom exemplo dessa situação pode ser extraída de um dos significados dado à palavra *suburban*: “middle class conservatism” – WEBSTER’S, p. 1818. Sobre o assunto: McKELVEY, Blake. *The urbanization of America*. New Brunswick: Rutgers Univ, 1963; BEAUREGARD, Robert A. *When America became suburban*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006; SCHUYLER, David. *The New Urban Landscape: the redefinition of city form in nineteenth*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1988. Um excelente estudo de caso é: CONTOSTA, David R. *Suburb in the City*. Chesnut Hill, Philadelphia, 1850-1990. Columbus: Ohio University Press, 1992.

<sup>24</sup> FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. *Assim é o meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre as camadas médias suburbanas de 1948 a 1957*. 128 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. p. 16.

Foi um dia destes. Eu vinha de trem muito aborrecido porque saíra o meu folhetim todo errado. O aspecto desordenado dos nossos subúrbios ia se desenrolando aos meus olhos; o trem se enchia da mais fina flor da aristocracia dos subúrbios. Os senhores com certeza não sabiam que os subúrbios têm uma aristocracia.

Pois têm. É uma aristocracia curiosa, em cuja composição entrou uma grande parte dos elementos médios da cidade inteira: funcionários de pequena categoria, chefes de oficinas, pequenos militares, médicos de fracos rendimentos, advogados sem causa, etc<sup>25</sup>.

Essa “aristocracia suburbana” residia certamente nas áreas mais valorizadas do próprio subúrbio, bem providas pelos serviços urbanos como transporte, luz, água e esgoto. Mas não é difícil perceber que a “aristocracia” aqui mencionada não está referida a um modelo clássico, de possuidores de bens, terras e títulos honoríficos, mas se trata tão somente de uma ainda incipiente classe média suburbana, cuja “riqueza” só ganha sentido quando é contraposta não à classe média do centro ou da zona sul, mas ao contingente de pobres (lavradores, pescadores, subempregados, operários das poucas fábricas da região, trabalhadores de ofícios mal-remunerados em geral etc.) da região suburbana. A estes se referia *O Santacruzense*, quando em 1909, afirmava que as localidades de Guaratiba, Sepetiba, Santa Cruz e Campo Grande eram habitadas por significativo contingente da “classe pobre” ou, frisava, pelos “deserdados da sorte”<sup>26</sup>.

Cabe assinalar que não era qualquer subúrbio que estava sendo ocupado por aqueles grupos. As áreas que se “ofereciam” para tal ocupação eram certamente as mais desvalorizadas. As condições de vida lá encontradas por esses trabalhadores estavam longe dos ideais de civilização tão em voga no início do XX. Esta era também a opinião de vários engenheiros, inclusive membros do Clube de Engenharia. Com certeza, esse foi um tema que deve ter gerado muita discussão em seus tradicionais encontros. As palavras do engenheiro Morales de los Rios – um dos maiores entusiastas das reformas de Pereira Passos no centro da cidade – sobre os subúrbios não deixam pairar qualquer dúvida:

Basta que subamos modestamente a um dos nossos *bondes*, que cheguemos até alguns dos nossos subúrbios, que atravessemos as ruas mais centreas da nossa Capital para o quadro que justifica a nossa natureza chlorotica se apresente à nossa vista nas faces emaciadas que aparecem nas rotulas, nas lamparinas a fumar no fundo obscuro das alcovas coevas do Reino Unido do Brasil e Portugal; no hálito das tascas em que se alimenta o pobre; nos outros em que se vendem legumes ao lado da pestilenta gallinha e de fructas fermentadas. Ide ao centro importantíssimo do Meyer, vêde aquellas vallas de águas fecaes a serpentear pelo meio das chácaras e das

<sup>25</sup> BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 296.

<sup>26</sup> *O Santacruzense*, 19 fev. 1909. p. 1.

hortas, sob os assoalhos de madeira que desmanchão-se de podridão, sob o duplo impulso da acção dos gases corrosivos e pestilentos e dos contactos humidos e cálidos daquelles escoadouros vergonhosos cujas ondas reflectem trementes as nossas feições como num *rictus satyrico*; ide a Cascadura e a Madureira e contemplaes as irisadas e esverdeadas águas estagnadas que dormem paralelamente ao nosso gigante ferroviário, esse representante do nosso progresso em outros ramos da engenharia; vede-as seguir o rumo dos trilhos, essas vallas immundas, em que o quitandeiro ambulante lava as mãos com que mais longe distribue alimentos à freguesia, em que o peixeiro lava por sua vez os samburás já vazios e que à noite na sua tasca lhe servirão de cabeceira durante o somno; em que a creança desprevenida se envenena brincando com os barquinhos de papel; em que mariscão as aves do quintal; em que se lanção as varreduras e os animaes mortos.

Vêde mais longe aquelles operários a retalhar em lotes um terreno impróprio para as edificações, distribuindo as meiações dos futuros prédios e os alicerces Dessas meiações em sentido normal ao escoamento provável das águas do sob-solo<sup>27</sup>.

Mas esta foi uma discussão que teve maior repercussão mesmo na imprensa da cidade. Um artigo escrito em 1902 pelo jornal *Progresso Suburbano*, intitulado “A vida nos subúrbios”, já fala desse tempo, em que a população da “zona suburbana tem crescido de uma maneira extraordinária; [em que] o commercio tem-se espalhado e desenvolvido consideravelmente”. Ou seja, já ali “vê-se por toda a parte, como que a vida querendo surgir forte e vigorosa”. Mas, “ao mesmo tempo, vê-se tolhida por grandes impecilhos (sic), verdadeiras barreiras invencíveis que não a deixam prosseguir, tudo isto devido à falta de melhoramentos locais.” Como resultado tinha-se, segundo o jornal: péssimas estradas, falta de meios de transporte, sendo que o pouco que havia funcionava mal, vide o “bond de Guaratiba, que não chega ao ponto terminal, o manhoso bondinho de Itaguahy, o de Sepetiba, que descarrilha (sic) de 5 em 5 minutos e o de Jacarepaguá, cujo serviço não corresponde às necessidades do público”. No parágrafo seguinte a falta ou deficiência de outros serviços é mencionada (água, luz residencial, esgoto, iluminação pública). Não obstante, a menção é feita tendo como pano de fundo o tema da desigualdade do tratamento da prefeitura para com as zonas da cidade: “A população dos subúrbios é muito mal aquinhoadada nos largos beneficios que a municipalidade dispensa aos seus municípios da zona urbana [...]”. Desigualdade esta que se torna inaceitável tendo em vista a carga de impostos paga pela população dos subúrbios: “O commercio concorre grandemente para o crescimento das rendas municipaes; particulares, negociantes, proprietários pagam

<sup>27</sup> *Revista do Club de Engenharia*, abr. 1901, n. 5, p. 36. Há que se destacar aqui que Morales de los Rios era membro do clube de Engenharia, no qual era intenso já por essa época o debate sobre a necessidade da promulgação de um rigoroso código de obras na cidade, com especial atenção à questão dos alinhamentos. Fato que só viria a ocorrer durante a gestão do Prefeito Sezerdelo Correia (1909-1910). REIS, José de Oliveira, op. cit., p. 53.



pesadíssimos impostos, tendo conseqüentemente direito a certos melhoramentos locais. O que recebemos em troca destes impostos?”<sup>28</sup>

Podemos notar, porém, que é com as reformas urbanas que esse tipo de discurso passa a ser incorporado inclusive pela grande imprensa: “Em vão os subúrbios pedem água, esgotos, iluminação, hospitaes, em uma palavra ‘hygiene’: tudo em vão!... A hygiene, pelo que se vê, não se fez para os deserdados da fortuna” – bradava o *Jornal do Brasil* em 1904<sup>29</sup>. No ano seguinte, ele e o *Correio da Manhã* inaugurariam uma seção sobre os subúrbios, destacando o que seriam os principais problemas da região e dando espaço para reclamações e demandas de vários moradores dali<sup>30</sup>. Mesmo que por vias problemáticas, os subúrbios começam a suscitar interesse por parte da imprensa da “cidade”.

### *O subúrbio como parte da cidade*

É interessante observar que nesta imprensa do início do século XX – incluída logicamente as crônicas literárias – as discussões sobre os subúrbios e seu papel face à cidade se processem por meio de duas perspectivas distintas. A primeira, a partir de um jogo de contrastes, evoca as imagens sobre o subúrbio como uma forma de identificar e qualificar alguma área do centro da cidade que não tenha sido atingida pelas obras de modernização da prefeitura. Ou seja, subúrbio será aqui referido aos resquícios da “cidade colonial” que tanto se queria extinguir. Veja-se o exemplo da descrição que João do Rio faz da Rua D. Manuel, situada no centro da cidade:

parece a rua de um bairro afastado. O Necrotério, com um capinzal cercado de arame, por trás do qual os ciganos confabulam, tem um ar de subúrbio. Parece que se chegou, nas pedras irregulares do mau calçamento, olhando os pardieiros seculares, ao fim da cidade. Nas esquinas, onde larápios, de lenço no pescoço e andar gingante, estragam o tempo com rameiras de galho de arruda na carapinha, vêem-se pequenas ruas, nascidas dos socalcos do Castelo, estreitas e sem luz<sup>31</sup>.

Nesta perspectiva os subúrbios representam aspectos que naquele momento destoam do papel e da imagem que vinha sendo atribuída ao centro da cidade do Rio. Elementos que sempre fizeram parte da vida

<sup>28</sup> *Progresso Suburbano*, 2 mar. 1902. p. 1.

<sup>29</sup> *Jornal do Brasil*, 26 set. 1904.

<sup>30</sup> Ver MATTOS, Rômulo Costa. *Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República*. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008. p. 57 e ss.

<sup>31</sup> RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Organização de Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 62.

cotidiana da área urbana são agora vistos como estranhos, inaceitáveis, impróprios a uma cidade que quer se ver e ser vista como civilizada. Ao comparar a rua D. Manuel a um subúrbio, João do Rio está na verdade afirmando que o centro ainda abriga em seu interior aspectos materiais (pardieiros, capinzais, ruas estreitas e sem luz, pedras irregulares) e determinados agrupamentos sociais e étnicos (ciganos e “larápios”) que não mais condizem com a imagem da cidade que se visa consolidar por meio das reformas urbanas na virada do século XIX para o XX e por toda uma cultura material de elite que se cristaliza por meio da difusão de cafés, teatros, concertos, sociedades literárias, clubes etc.

Ao mesmo tempo, nesse tipo de argumentação encontram-se expressas as bases do discurso quase cotidianamente acionado por essa época com vistas a consolidar uma certa imagem sobre o subúrbio. Muito daquilo que é visto como estranho à cidade é, no final das contas, visto como próprio, compatível, aceitável e mesmo característico dos subúrbios. É curioso perceber como o processo de deslocamento de segmentos das camadas populares para o subúrbio parece sancionar um discurso que o toma como uma espécie de área que tivesse como principal função receber e abrigar tudo aquilo que era visto como negativo e impróprio de se estabelecer no centro da cidade. Assim sendo o subúrbio era visto como sede “natural” de usos e aspectos materiais associados a alguns agrupamentos sociais: tipos de moradia, práticas de lazer, hábitos alimentares e religiosos etc. É claro, todos vistos a partir de uma perspectiva negativa, como antítese da cidade moderna (de matiz europeu) que vinha sendo edificada há alguns quilômetros dali. E é interessante observar que dentre os muitos elementos vistos como típicos do subúrbio vários façam referências a usos rurais.

Vejamos este outro relato de João do Rio, também revelador. Agora sobre o morro de Santo Antônio, ali bem no centro do Rio. O autor para lá se dirige com o fim de acompanhar, desde o largo da Carioca, um “bando de malandros”, que com suas violas executavam uma seresta:

vi, então, que elles se mettiam por uma espécie de corredor encoberto pela herva alta e por algum arvoredado. Acompanhei-os, e dei num outro mundo. A iluminação desaparecera. *Estávamos na roça, no sertão, longe da cidade.* O caminho, que separava descendo, era ora estreito, ora largo, mas cheio de depressões e de buracos. De um lado e de outro casinhas estreitas, feitas de taboas de caixão com cercados, indicando quintaes<sup>32</sup>.

As expressões “na roça”, “no sertão” e “longe da cidade” não parecem deixar muitas dúvidas de que ele se refere aos subúrbios. Impressionado por se deparar com isso a poucos metros da Avenida Central, o nosso autor se perguntava: “Como se creou alli aquella curiosa villa de miséria indolente”.

<sup>32</sup> RIO, João do. *Vida Vertiginosa*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911. p. 145-46. Grifo meu.

Tudo ali lhe parecia atípico, para uma cidade moderna. Sobre as casas: “todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas de Flandres, taquarás”. Da sua principal via ou artéria “partiam varias ruas estreitas, caminhos curtos para casinhas oscillantes, trepados uns por cima dos outros. Tinha-se, na treva luminosa da noite estrellada, a impressão lida da entrada do arraial de Canudos, ou a funambulesca ideia de um vasto gallinheiro”<sup>33</sup>. É como se João do Rio quisesse dizer que aquilo, ou melhor, aqueles elementos (os cercados, os arvoredos, os animais, os buracos, as casinhas de madeira) convinha aos “distantes subúrbios” e não ao centro moderno e cosmopolita da cidade.

Na outra perspectiva, que também ganha força no período das reformas urbanas, o subúrbio é tratado não como uma metáfora, mas como uma região específica, aquela efetivamente considerada como zona suburbana. Mas tal como na perspectiva anterior, esse subúrbio será constantemente comparado com a zona urbana e daí sempre visto pelo signo da carência, da inferioridade em diversos sentidos.

Muitos atributos que para alguns eram típicos dos subúrbios eram, para a imprensa local, sintomas de descaso e omissão das autoridades públicas. Em 1904, *O Bacurau* apresentava um quadro nada animador sobre Realengo:

A hygiene é assumpto d'este elemento, tem tornado este logar endêmico, com a febre palustre.

Causa essa endemia a falta de esgoto e água nos lares, (...) ha aguas estagnadas nos logares públicos e ahi ficam até haver a evaporação. O máu cheiro que d'ahi provém é cousa secundária, quem estiver incommodado leve o lenço ao nariz.

O mesmo acontece, com os detritos atirados à rua, e conservam-se até completa decomposição<sup>34</sup>.

Por outro lado, o crescimento da região era um fato inegável já em fins da década de 1900, assim como a expansão do seu comércio e indústria. Esta capitaneada pelo ramo têxtil com a Fábrica Progresso Industrial em Bangú e outras localizadas em Deodoro, Engenho de Dentro e Piedade. Paralelo a isso cresce o próprio papel político da região no cenário político da capital. Não sem razão afirmava o *Gazeta Suburbana*, em seu editorial de 8 de setembro de 1910:

Com o progressivo augmento da população do Distrito Federal, com o grande desenvolvimento do nosso comércio, os subúrbios, outrora abandonados e desprezados, tornaram-se ultimamente procurados e conhecidos.

Tudo tem augmentado nos subúrbios: a população, o commercio, a indústria. Tão grande é o desenvolvimento actual da zona suburbana que, quasi todos

<sup>33</sup> Ibid., p. 147-48.

<sup>34</sup> *O Bacurau*, 5 out. 1904.

os jornais diários, viram-se na necessidade de, no noticiário geral, acrescentar um suplemento consagrado unicamente aos subúrbios [...]”<sup>35</sup>.

Esse crescimento, conforme mencionado anteriormente, é responsável pelo incremento do papel político da área abarcada pelos subúrbios, já que as eleições para o legislativo municipal, ao contrário do executivo, eram pelo voto direto. Portanto, os subúrbios, ao crescerem demograficamente, viam crescer o seu próprio contingente de eleitores. Ligado a esse reconhecimento do peso político que a região vinha adquirindo, conforme se pode acompanhar lendo os *Anais* do legislativo carioca, é o crescente direcionamento de verbas orçamentárias para o custeio de obras de melhoramentos e infraestrutura nos subúrbios, fato que passa a ocorrer ainda no governo de Pereira Passos<sup>36</sup>. Emblemático dessa tendência é o Projeto nº 8, de 1911, que autoriza o Prefeito a “mandar proceder, na zona suburbana e na rural” a diversos melhoramentos<sup>37</sup>. Alguns anos depois, podemos ver que Inhaúma, Irajá e Jacarepaguá tinham recebido “62.000 metros de paralelepípedos, collocados 1.000 metros de canos de cimento armado, reparadas 58 pontes, e, sobretudo, desobstruídos mais de 20 quilômetros de leitos de rios”<sup>38</sup>.

Entretanto, o reconhecimento do papel político da região não se deu de maneira mecânica, simplesmente em resposta ao seu crescimento demográfico. Houve uma significativa articulação de segmentos da região que pressionavam por esse reconhecimento em ações à margem da esfera política formal. A tentativa de se organizar o “Congresso Suburbano” em 1911 é um exemplo. A obtenção de obras de melhoramentos para a região seria, conforme as palavras de seus organizadores, o principal objetivo do encontro<sup>39</sup>. No ano seguinte surge uma “Comissão de Subúrbios”, na onda de criação de várias comissões de melhoramentos de bairros<sup>40</sup>. Nesse sentido vale a pena citarmos novamente a “Representação dos

<sup>35</sup> *Gazeta Suburbana*, 8 set. 1910.

<sup>36</sup> FREYRE, Américo Oscar Guichard. *Uma capital para a República*. Poder federal e forças locais no campo política carioca (1889-1906). 410 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. A pretensão de Passos em aumentar os meios de comunicação entre o centro da cidade e a região dos subúrbios também é aludida por Renato Costa, que lembra os estudos feitos ainda em sua gestão para a construção de avenidas ligando o centro com os bairros situados depois da Ponta do Caju, como Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, até Irajá – COSTA, Renato da Gama-Rosa. *Entre “avenida” e “rodovia”*: a história da avenida Brasil (1906-1954). 320 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

<sup>37</sup> Ver *Annaes da Intendência Municipal*, 19 maio 1911. p. 161. Doravante AIM.

<sup>38</sup> *AIM*, 27 jul. 1914. p. 108.

<sup>39</sup> *A Tribuna*, 10 jul. 1911. p. 3.

<sup>40</sup> SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 36.

habitantes de varias zonas suburbanas do Distrito Federal” como exemplo da formação de grupos de pressão com base nos subúrbios. Neste caso eles reivindicavam no final da década de 1910, diretamente ao então prefeito Paulo de Frontin, o prolongamento das linhas de bonde de Vila Isabel até Cascadura<sup>41</sup>. Anos depois, em 1918, era inaugurado o *Centro Triangular Progressista*, que dizia objetivar “melhoramentos materiais” das localidades Rio das Pedras, Bento Ribeiro e Irajá<sup>42</sup>. Há que se destacar também o papel dos jornais locais ou “suburbanos”, tão citados até aqui e que com suas denúncias e críticas ajudaram a formular o próprio discurso sobre a região, tendo o duplo efeito de forjar uma identidade regional e contribuir para o seu reconhecimento político<sup>43</sup>. Um detalhe interessante é que estes jornais surgem exatamente no período de consolidação da malha urbana em algumas áreas suburbanas, o que se dá por volta das primeiras décadas do XX. Dos quinze “jornais suburbanos” consultados, apenas um (*Correio do Povo*) data da década de 1890, os demais surgiram entre os anos de 1902 e 1923<sup>44</sup>.

Tratam-se de ações que independente da consecução de seus objetivos originais, contribuem para dar visibilidade aos subúrbios enquanto ator político, ou seja, uma região capaz de *falar e ter* opinião. Entre todas elas parece haver uma motivação comum, que é de pleitear obras e recursos que viabilizem nos subúrbios as mesmas condições de vida verificadas nas áreas mais prósperas da zona urbana. Tanto a imprensa local como os representantes da região no legislativo municipal e vários moradores parecem reivindicar o mesmo objetivo: urbanizar o subúrbio. Embora num sentido diferente: a urbanização não parecia implicar neste caso em segregação socioespacial. A questão era justamente definir que módulo de urbanização seria adotado para as classes populares dos subúrbios. Vemos atento a isso, mais uma vez, Lima Barreto, quando, por exemplo, descreve o dia a dia do bairro do Méier:

Tem confeitarias decentes, botequins freqüentados; tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tôsko, mas tem; tem casas de jôgo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em

<sup>41</sup> AGCRJ, 56-4-9, fl.3v.

<sup>42</sup> *Revista Suburbana*, 15 set. 1918. p. 3.

<sup>43</sup> A respeito do “discurso regionalista” ver BOURDIEU, Pierre. A idéia de Região. In: \_\_\_\_\_. *Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1990.

<sup>44</sup> Eis os “jornais suburbanos” consultados, listados por ordem cronológica de data pesquisada: *Commercio Suburbano* (1902), *O Echo Suburbano* (1901), *O Corsário* (1903), *O Subúrbio* (1907), *O SantaCruzense* (1909), *Lux* (1910), *Gazeta Suburbana* (1910), *O Santa Cruz* (1911), *O Echo Suburbano* (1911), *A Tribuna* (1911), *Gazeta Suburbana* (1918), *Archivo Suburbano* (1919), *Voz do Povo* (1920), *Folha Pequena* (1923).

dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas.

As casas de modas, pois as há também, e de algum aparato, possuem nomes *chics*, ao gôsto da Rua do Ouvidor. Há até uma ‘Notre Dame’, penso eu.

Mas a pressão pela urbanização dos subúrbios – que no fundo significava a tentativa de se equiparar com as regiões do centro e da zona sul da cidade –, parecia se chocar com representações consolidada há anos sobre os subúrbios. Representações essas que enfatizavam justamente o caráter semiurbano dos subúrbios. Ainda na década de 1920, tinham força descrições sobre o subúrbio como a de Benjamim Costallat. Lugar duplamente carente, tanto moralmente, daí o grande número de crimes, quanto materialmente, daí que pudesse ser ainda visto como uma área rural:

O silêncio era profundo.

No barracão escuro, de janelas hermeticamente fechadas, só se via luz pelas frestas do teto, um teto de madeira, mal pregado.

Ao redor do barracão um capinzal espesso. E ninguém – o deserto...

Já deviam ser umas onze horas.

Desde as dez que estávamos ali, atentos, em observação, correndo o risco de uma dentada de cobra, sem que nada de anormal se produzisse, sem que ninguém entrasse ou saísse do barracão sinistro, sem ouvir um ruído, um sinal, alguma cousa que nos dissesse que além daquela luz, fugindo pelo teto, existia alguém, uma alma, uma criatura, naquela casa estranha e isolada<sup>45</sup>.

Aspectos como a mistura entre usos rurais e urbanos tornavam-se incompatíveis com a nova representação que se buscava impor sobre os subúrbios. Estes, conforme pleiteavam os vários jornais suburbanos, queriam se urbanizar. O que se contestava era o fato dos subúrbios ainda não terem sido plenamente invadidos pela onda urbanizadora desencadeada durante a gestão de Pereira Passos. Daí que se observe como recorrente a denúncia sobre as condições de insalubridade de várias áreas suburbanas.

É claro, alguns vestígios da antiga concepção persistiriam. O intendente Fonseca Telles, autointitulado “representante” da “zona suburbana”, frisa que nesta residia “em maior número o proletariado e onde existe a lavoura do Districto [Federal]”<sup>46</sup>. Em julho de 1911 o *A Tribuna* noticia sobre o “estado lastimável da lavoura suburbana”. Em seu reclamo era nítida a associação entre espaço suburbano e área agrícola<sup>47</sup>. Este tipo de associação é tecida por parte do próprio poder público. Num texto de início da década de 1930, vemos que a área sob jurisdição da Diretoria de

<sup>45</sup> CONSTALLAT, Benjamim. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p. 74.

<sup>46</sup> *AIM*, 22 set. 2009. p. 176-77.

<sup>47</sup> *A Tribuna*, 7 jul. 1911. p. 3.

Saneamento Rural do Distrito Federal é “a vasta extensão abrangida pelos subúrbios da Estrada de Ferro da Leopoldina, os mais afastados das linhas Auxiliar e Rio do Ouro e na Central do Brasil, desde Cascadura à Santa Cruz e Anchieta, até os limites com o Estado do Rio [...]”<sup>48</sup>

Por outro lado, é possível que já na década de 1910 a imagem de subúrbio como uma espécie de zona rural já não fosse aceita de forma tão naturalizada como na década anterior. Em seu editorial de julho de 1911, o *Echo Suburbano*, ao defender com bastante veemência os melhoramentos para a região, parece apontar para uma concepção de subúrbio como uma extensão da área urbana (ou pelo menos assim deveria sê-lo) e não como um simples complemento ou como um espaço que continuasse a se manter como um meio-termo entre o urbano e o rural:

Melhoramentos! É a aspiração do povo suburbano, são esses os desejos de todos os que aspiram o bem estar dos habitantes destas paragens, falhas até hoje de regalias que os moradores dos demais bairros têm em seu benefício.  
[...]

Melhoramentos pelos subúrbios, melhoramentos para a zona suburbana, será esse o nosso constante grito. Queremos, temos direito, a todo o conforto e garantias e bem-estar, a todo o aconchego e auxílio.  
[...]

união do público suburbano, Paz e conforto nos lares de seus habitantes, Progresso nos locais, em todas as ruas, praças e estradas, tudo isso queremos[...]”<sup>49</sup>.

E é sintomático que a própria Prefeitura em 1917 comece a estruturar um projeto de divisão da cidade em zonas, destinando uma área específica para os usos rurais, diferenciando-a do próprio subúrbio. Esta intenção tinha raízes em fenômenos de ordem material, já que a diferenciação entre subúrbio e zona rural decorria também da pressão exercida por grupos dos subúrbios e, fundamentalmente, da necessidade de expansão da infraestrutura pelo território da cidade. Assim, a Prefeitura daria início no final da década de 1910 à consolidação da malha urbana, ao menos nas zonas mais populosas dos subúrbios. Datam dessa época projetos que são implementados entre as décadas de 1930 a 1950, como o da Avenida Mato Grosso, que cruza os bairros de Cascadura, Campinho, Jacarepaguá e Santa Cruz. Tal projeto é aprovado durante a gestão de Paulo de Frontin (23/01/1919–28/07/1919), mas seria revogado por Carlos Sampaio, que faria exatamente uma gestão pródiga em priorizar quase que de forma absoluta a Zona Sul<sup>50</sup>.

<sup>48</sup> Palestra proferida pelo Dr. Arthur Ribeiro Guimarães, na Rádio Sociedade, no dia 27 de Agosto de 1931. Documentos do Arquivo da Casa Oswaldo Cruz.

<sup>49</sup> *Echo Suburbano*, 8 jul. 1911. p. 1.

<sup>50</sup> REIS, José de Oliveira. Op. cit., p. 72.

## Um pouco antes a Intendência Municipal aprova o Projecto n. 4, que estabelecia:

Art. 1º Ficou o Prefeito autorizado a mandar abrir estradas carroçáveis macadamizadas, ligando os diversos districtos suburbanos e ruaes a esta Capital.

Art. 2º No districto de Guaratiba serão abertas estradas carroçáveis macadamizadas, ligando Grumarim à estrada de Campo Grande e Poço das Pedras ao povoado da Barra; e macadamizadas as estradas de Grota Funda que ligam os bairros da Ilha aos da Piaba e Vargem Grande e no districto de Santa Cruz ligando a do Curato a Sepetiba.

Art. 3º No districto de campo Grande mandará o Prefeito macadamizar e tornar carroçáveis as estradas do Rio da Prata do Mendanha, do Rio da Prata do Cabuçu, do Guandu do Senna de Palmares, do morro dos Caboclos e a do Barro Vermelho<sup>51</sup>.

Tais projetos, mesmo aqueles que nunca viriam a se realizar, ajudam a consolidar um perfil dos subúrbios muito mais próximo da zona urbana do que o de uma zona rural. Perfil urbano que se afirma mesmo a região sofrendo com a falta de serviços urbanos e com a insalubridade em muitas de suas áreas. Como já destacado anteriormente, mesmo o processo de urbanização fora marcado pela desigualdade, atingindo justamente as áreas mais valorizadas da região e com mais ativo comércio. O relato de Lima Barreto é bem sugestivo:

Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel [...]. Hoje mesmo, a gare suburbana não perdeu de todo essa feição de ponto de recreio, de encontro e conversa. Há algumas que ainda a mantêm tenazmente, como Cascadura, Madureira e outras mais afastadas.

De resto, é em torno da 'estação' que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda. Em certas, como as do Méier e de Cascadura, devido a serem elas ponto inicial de linhas secundárias de bondes, há uma vida e um movimento positivamente urbano<sup>52</sup>.

Além do comércio, há que se destacar o papel dos clubes sociais e mais especificamente dos próprios clubes de futebol no papel de expansão de uma cultura urbana nos subúrbios<sup>53</sup>.

<sup>51</sup> *AIM*, 19 jul. 1917. p. 74.

<sup>52</sup> BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 145.

<sup>53</sup> Em seu estudo sobre o crescimento do Confiança, um clube de futebol de Aracaju, Sérgio Dorenski Ribeiro acabou por evidenciar a relação deste clube com o processo de suburbanização da cidade e a popularização do clube junto aos segmentos da classe trabalhadora local. RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. *Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo*: tecendo os fios da história de um casamento feliz. 2005. 178f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Outro estudo interessante é o trabalho



Essa malha urbana ao incidir sobre a zona suburbana traz importantes implicações, como a cobrança de impostos, que, de um certo modo, eram os mesmos pagos na zona urbana. Isso certamente contribuía para a conformação de uma identidade do subúrbio não como apêndice, mas como verdadeira extensão da zona urbana. Porém ainda havia uma extensa área onde não incidiam – ao menos em grau satisfatório – serviços públicos típicos de uma malha urbana (bondes, água, luz). A impossibilidade de que isso se desse em curto ou médio prazo aliado a uma viva tendência de diferenciar a zona suburbana da zona rural animou alguns dos legisladores da cidade a promulgar uma série de leis que isentam os moradores desta última de vários impostos que são pagos nas outras regiões da capital da República.

O texto do Projeto nº 54 B, apresentado na Intendência em 1921, revela que a zona rural passa a ser, de certa forma, o lugar da não regulação, isto é, o espaço onde são permitidas várias iniciativas que não são mais aceitas tanto na zona urbana como na zona suburbana. Em primeiro lugar, ele “isenta durante dous annos do pagamento de alvarás, taxas, emolumentos, plantas, soleiramento e demais exigências as casas que forem construídas nas zonas em que o imposto predial é cobrado à razão de 6% e na rural”. Mas ele dá outras providências. O artigo 4º, por exemplo, é o que deixa mais claro o objetivo de diferenciação espacial do projeto 54 B: “Nas partes não povoadas dos distritos de Inhaúma, Irajá, Jacarepaguá, Campo Grande, Guaratiba, Santa Cruz e Ilhas, serão permitidas as construcções toscas de madeiras e tapume e com os favores referidos nos artigos anteriores desde que sejam afastados pelo menos dezesseis metros do logradouro”<sup>54</sup>.

Esta é também a noção de fundo do Projeto N. 313, o qual estabelece uma diferenciação entre, de um lado, os “principaes centros

---

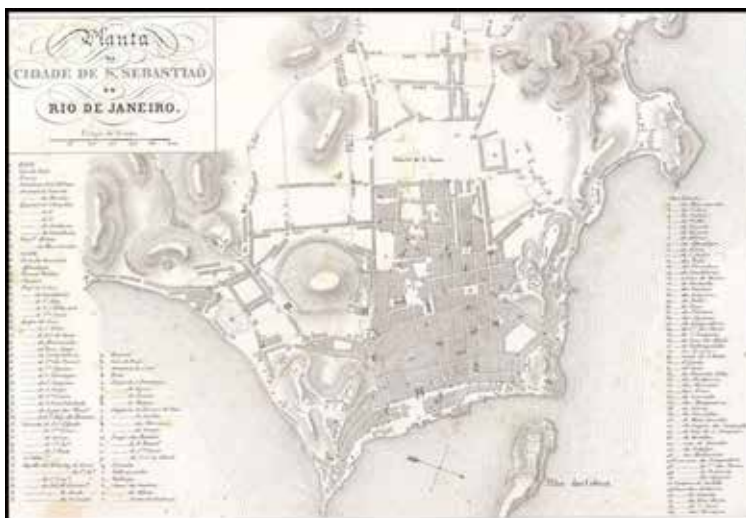
de Gilmar Mascarenhas, que em trabalho sobre a trajetória histórica dos dois mais importantes clubes de futebol da capital porto-alegrense (Grêmio e Internacional), mostra como a popularidade deste último está intimamente ligada a sua inserção junto às populações pobres do subúrbio da cidade. MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 19-20, jan./dez., 2005.

<sup>54</sup> AIM, 24 ago. 1921. p. 236. Esse tipo de “compensação” (a isenção de impostos como um contraponto à falta de melhoramentos urbanos) seria pouco tempo depois fonte de controvérsias entre alguns Intendentes, mormente aqueles mais ligados aos setores da zona suburbana e rural. Adolpho Bergamini, por exemplo, justificava a sua posição de crítica à gestão do Prefeito Carlos Sampaio, pelo fato de que durante o mandato deste “passaram as construcções a ser feitas não com o mínimo das exigências, mas sem exigência nenhuma, quer de hygiene, quer de ordem fiscal”. O que teria se verificado justamente, segundo ele, em Inhaúma e Irajá. Tal procedimento, continua Bergamini, “não tem justificativa outra senão a de fazer politicaçem na zona rural e na zona suburbana, onde milita o modesto orador.” – AIM, 22 de dezembro de 1922.

de povoação” nos subúrbios e, do outro lado, as demais áreas suburbanas (pouco habitadas, ainda pouco urbanizadas) e a zona rural. Nestas o projeto autorizava a realização de “construções toscas de madeira, de tijolos ou de estuque rustico, destinado exclusivamente à habitação”. Além de autorizar o uso de material de pouca qualidade, o projeto previa que as construções poderiam ser feitas “independentemente do pagamento de quaisquer emolumentos e taxas municipais, inclusive os de alvará, determinação de altura de soleiras, arruação, andaimes e numeração”.

A zona rural, portanto, passa a ser finalmente concebida, a partir do momento em que o subúrbio procura se diferenciar, quando ele procura se desvincular da imagem de área rural. Mas tal iniciativa não se processa de maneira linear. Conforme acompanhamos até aqui, estabelecer fronteiras e critérios de divisão numa cidade tão complexa como o Rio não é uma das tarefas mais fáceis. Entre os desejos e ambições dos autores das políticas públicas e a realidade social, com todos os seus impasses, limites e incongruências, há uma grande distância, onde muitas outras histórias acontecem. De todo modo, anos depois, o subúrbio que serve de cenário a vários episódios da *Vida como ela é* de Nelson Rodrigues tem muito pouco daquele retratado por Machado e mesmo por Lima. Esse subúrbio de meados do século é o território por excelência de comerciantes e de certos segmentos do funcionalismo público, e que, com todos os percalços, encontra-se bastante urbanizado. As representações de outrora, da região a meio caminho do rural e urbano, perdiam força. Se avançarmos um pouco mais no tempo, para o início da década de 1970, iremos nos deparar com o folhetim (transformado em seriado televisivo) *A Grande Família*, que originalmente era ambientado na zona sul e que se desloca para os subúrbios, que era a região por excelência de moradia das classes trabalhadoras urbanas.

## Mapas



Nas plantas do Rio de Janeiro confeccionadas no século XIX, como esta de 1839, era comum retratar apenas o seu núcleo urbano.

**Fonte:** Biblioteca Nacional.



Neste mapa do início do XX o subúrbio começa a ensaiar sua aparição, embora ainda bastante tímida.

**Fonte:** Biblioteca Nacional.

De arrabaldes a subúrbios:  
a geografia social do Rio  
de Janeiro a partir dos  
textos de seus cronistas

Locus:  
revista de  
história,  
Juiz de Fora,  
v. 20, n. 2,  
p. 51-78,  
2015



A *Carta Cadastral de 1920* procura expressar o plano de incorporação dos subúrbios da cidade.

**Fonte:** Biblioteca Nacional.



A retração total do município do Rio já se encontra consolidada, como se pode ver nesse mapa de 1951.

**Fonte:** Biblioteca Nacional.

Recebido em: 02 de março de 2015.

Aprovado em: 18 de junho de 2015.